

Sem margem de manobra

KATIA LUANE

Não existe espaço para que o Banco Central (BC) faça qualquer mudança na taxa básica de juros (Selic) da economia, nesta rodada do Comitê de Política Monetária (Copom), que se reúne de hoje até amanhã, em Brasília. Este é o consenso do mercado financeiro e do empresariado, que apostam na manutenção dos atuais 19% ao ano. "Existem constrangimentos tanto para alta quanto para baixa", avalia o economista do BBV Luiz Afonso Lima.

Ele explica que, se o BC reduzir a Selic, põe em risco a meta de inflação de 5,8% para este ano e, ao mesmo tempo, não conseguiria atrair capital estrangeiro. "Investidores externos em momentos de muita turbulência buscam segurança em detrimento da rentabilidade", completa.

Perda de confiança - Para

Alexandre Magno, da área de juros do Banif Primus Asset Management, reduzir a Selic neste momento seria um sinal de perda de credibilidade do país, enquanto que subir aumentaria a dívida interna do governo sem necessidade, à medida em que os bancos centrais americano (Fed) e europeu (BCE) reduziram suas taxas em 0,5 ponto percentual. "Comparativamente falando, significa dizer que o juro brasileiro ficou mais alto na mesma proporção", explica Magno.

Fazendo coro, Gustavo Alcântara, analista financeiro do Banco Prosper, acrescenta que a elevação de taxa também não traria qualquer efeito porque o dólar continua sendo fortemente procurado. "Essa procura por proteção teve várias etapas. Agora as empresas, incluindo as multinacionais, estão buscando proteger seu patrimônio", assegura.